

O FLÂNEUR EM BENJAMIN: APONTAMENTOS PARA A CAMINHOGRAFIA URBANA EM PESQUISAS SOBRE CIDADE E EDUCAÇÃO

THE FLÂNEUR IN BENJAMIN: NOTES FOR URBAN CARTOGRAPHIC WALKING METHOD IN RESEARCH ABOUT CITY AND EDUCATION

Marcio Tascheto da Silva

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor do curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN). É coordenador do projeto Pedagogias Contemporâneas em Contextos Urbanos na mesma universidade. Além disso, atua como colaborador do projeto Território Negro do Rosário: Racismo Estrutural e a Cidade/UFN. É membro-fundador da Rede Unesco Cidade que Educa e Transforma, membro do comitê nacional da ONG Cidade Escola-Aprendiz, avaliador de tecnologias de Educação Integral na Secretaria de Educação Básica/SEB/MEC, membro do grupo de editoria da revista *Lugar Comum*/UFRJ e pesquisador do grupo de pesquisa Arte, Corpo, Ensino CNPQ/Capes/UFRGS.

E-mail: marciotascheto3@gmail.com

Gustavo Gonçalves Cougo

Doutorando e mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN). É bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) e membro da Rede Unesco Cidade que Educa e Transforma. Na UFN, integra o projeto Pedagogias Contemporâneas em Contextos Urbanos e o grupo de pesquisa Percepção Ambiental, na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo: Teoria, História e Crítica.

E-mail: g.cougo@ufn.edu.br

Anelis Rolão Flôres

Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professora no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana. Também integra o grupo de pesquisa Percepção Ambiental, na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo: Teoria, História e Crítica, da mesma universidade. É membro da Rede Unesco Cidade que Educa e Transforma.

E-mail: anelis@ufn.edu.br

Resumo: Com este artigo, objetiva-se refletir sobre a cartografia como abordagem epistemológica e a caminhografia urbana como procedimento metodológico aplicado ao campo das pesquisas sobre cidade e educação. A partir da atualização da alegoria do *flâneur* benjaminiano, deslocada ao contexto da cidade de Santa Maria/RS e ao Parque Itaimbé, explorou-se como alguns corpos urbanos dissidentes, como os andarilhos, *flâneuses* e pessoas em situação de rua, expressam formas invisíveis de urbanidade e como a caminhografia urbana pode apreender ou revelar tais expressividades, a fim de constituir uma espécie de “currículo invisível” do território, cuja potência está no subsídio que oferece às práticas educativas ancoradas nesses saberes locais quando cartografados. Ao mobilizarmos referenciais interdisciplinares, como filosofia, geografia, sociologia urbana, educação, urbanismo e as artes, à análise, adotamos uma postura aberta que assume a complexidade como condição para compreender os fenômenos urbanos. Apostou-se, então, que caminhar, à maneira benjaminiana, constitui um gesto político, epistemológico e interdisciplinar, mobilizando ruínas e fragmentos urbanos em narrativas que ampliam a capacidade de leitura da cidade, oferecendo pistas para um porvir educativo atento à diferença, à alteridade e às pedagogias silenciosas em potência.

Palavras-chave: Cartografia. Complexidade. Interdisciplinaridade. Territórios educativos. Urbanidades invisíveis.

Abstract: This article reflects on cartography as an epistemological approach and on cartographic walking method as a methodological procedure applied to research in the field of city and education. By updating the allegory of the Benjaminian *flâneur*, displaced to the context of Santa Maria/RS and Parque Itaimbé, we explore how dissident urban bodies (wanderers, *flâneuses*, and homeless people) express invisible forms of urbanity and how the cartographic walking method can apprehend/reveal such expressivities, in order to constitute a kind of “invisible curriculum” of the territory, whose strength lies in the support it offers to educational practices anchored in these local knowledges. Mobilizing interdisciplinary references (philosophy, geography, urban sociology, education, urbanism, and arts), we adopt an open stance that embraces complexity as a condition for understanding urban phenomena. We therefore argue that walking, in the Benjaminian manner, constitutes a political, epistemological, and interdisciplinary gesture, mobilizing urban ruins and fragments into narratives that broaden the capacity to read the city, offering clues for an educational future attentive to difference, otherness, and the silent pedagogies in potency.

Keywords: Cartography. Complexity. Interdisciplinarity. Educational territories. Invisible urbanities.

INTRODUÇÃO

Como (re)educar os sentidos em uma cidade que os anestesia? Com este artigo, propomos refletir sobre a cartografia social como abordagem epistemológica e a caminhografia urbana como procedimento metodológico, aplicados a pesquisas no campo da cidade e da educação. A partir de uma atualização da alegoria do *flâneur* benjaminiano e de suas ressonâncias em figuras-tipo urbanas contemporâneas, convidamos Benjamin a caminhar por uma cidade do Sul Global, procurando com ele atitudes e pistas para uma leitura sensível do urbano (buscando o urbano menor, invisível, fragmentado e expulso dos regimes oficiais de visibilidade).

Este artigo é ressonância de uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN), mas não se limita a ela. A investigação inicial teve como objetivo investigar o Parque Itaimbé, um importante espaço público da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a fim de encontrar, ao passo de suas andanças, individuais e coletivas, experiências urbanas que pudessem dar pistas acerca da expressividade urbana que se desprende em urbanidades invisíveis do parque, para, a partir disso, construir uma matriz de saberes coletivos locais que funcionem como um grande currículo invisível do território. Um currículo de saberes, potencialmente mobilizável pedagogicamente, na intenção de contribuir para uma visão ampliada dos espaços urbanos sob um viés educativo. Neste artigo, aprofundamos a reflexão sobre a caminhografia como procedimento cartográfico, mobilizando Walter Benjamin para expandir seu alcance epistemológico no campo da pesquisa sobre cidade e educação.

Escolhemos Santa Maria¹ como território de análise por se tratar de uma cidade média de relevância regional, cuja posição geográfica central no estado do Rio Grande do Sul e trajetória marcada por sucessivos planos diretores e intervenções urbanísticas a colocam como um microcosmo privilegiado para pensar as tensões entre projetos formais de cidade e práticas cotidianas informais de uso do espaço (Ferrari; Moura, 2019; Benaduce, 2007).

Dentro desse contexto, o Parque Itaimbé se destaca não apenas como o maior parque urbano central da cidade, mas também como um território simbólico onde se expressam tensões e desigualdades próprias da urbanização de Santa Maria. Implantado sobre o antigo leito do Arroio Itaimbé e incorporado ao Programa Cura na década de 1980, o parque reúne, em um mesmo espaço, intervenções planejadas e apropriações cotidianas informais, tornando visíveis as contradições entre os projetos

¹ Conhecida como “coração do Rio Grande” e marcada por funções estratégicas nos setores educacional, militar e de serviços, Santa Maria consolidou-se, ao longo do século XX, como um polo de circulação de pessoas e saberes, atraindo populações de diversas regiões do estado (Ferrari; Moura, 2019).

oficiais de cidade e os usos reais do espaço urbano (Benaduce, 2007). Por esse caráter híbrido, ao mesmo tempo produto do planejamento e da informalidade, o parque se configura como um potente manancial de saberes urbanos, que constitui uma espécie de “currículo invisível” potencialmente mobilizável, cuja investigação pela caminhografia urbana pode acessar camadas de vida que escapam às narrativas hegemônicas sobre a cidade.

Nesse sentido, a cidade contemporânea, marcada por uma lógica mercantil e funcionalista (Carlos, 2020), tende a empobrecer a experiência e anestesiar os corpos (Jacques, 2012). A caminhografia urbana, como procedimento metodológico da cartografia social, oferece uma via de resistência sensível a esse esvaziamento, apostando no corpo em movimento como instrumento de leitura crítica da cidade (Rocha; Santos, 2023). Nesse processo, atualizamos a figura do *flâneur* como *locus* de análise para identificar outras figuras urbanas potentes (pessoas em situação de rua, ambulantes, *flâneuses*²) que também caminham, sentem, resistem e narram as suas cidades.

Este artigo também compreende em sua gênese o debate contemporâneo sobre interdisciplinaridade e complexidade, sobretudo por entendermos que a cartografia social se constitui como gesto epistemológico organicamente interdisciplinar, articulando fundamentos da filosofia, da geografia, da sociologia urbana, da educação, do urbanismo e das artes, na análise da cidade como território educativo em potência, a partir da mobilização do manancial de múltiplos elementos que orbitam o espaço urbano.

Com isso, propomos uma dupla movimentação: de um lado, reconhecer na sensibilidade benjaminiana a atitude necessária ao cartógrafo em campo; de outro, ampliar o foco além do *flâneur*, atentando para outros sujeitos urbanos que corporificam formas de estar e experienciar a cidade. Essa aproximação visa contribuir com um novo porvir da educação na cidade (mais atento à alteridade, ao corpo, à diferença e às pedagogias silenciosas que emergem nos (des)caminhos do cotidiano).

Este artigo desenvolve-se no âmbito do GT II – Identidade, Territorialidade e Cidadania da Rede Unesco UniTwin Cidade que Educa e Transforma. Nas seções a seguir, apresentamos os fundamentos teóricos, a metodologia da caminhografia urbana e os principais desdobramentos da pesquisa, propondo uma reflexão crítica sobre como seguir/pensar com Benjamin pode abrir caminhos para práticas cartográficas mais sensíveis, coletivas e, sobretudo, territorializadas.

Ademais, o texto organiza-se em quatro movimentos. No primeiro, discutimos a sensibilidade benjaminiana como inspiração metodológica para o caminhar, apresentando-o

2 Segundo Elkin (2022, p. 14), “*Flâneuse* [fla-nôse], do francês substantivo. Forma feminina de *flâneur* [fla-nêur], uma ociosa, uma observadora errante, normalmente encontrada em cidades. Essa é uma definição imaginária. Os dicionários franceses, em sua maioria, nem trazem o vocábulo. O *Littré* de 1905, na verdade, faz uma concessão para ‘*flâneur*, ---euse’. *Qui flâne*, quem flana”.

como um “caminhógrafo antecipado”. No segundo, analisamos a figura do *flâneur* como operador teórico-crítico do caminhante-cartógrafo e suas interações com personagens urbanos contemporâneos, cuja expressividade revela camadas ocultas do território. No terceiro, deslocamos essa discussão para o Parque Itaimbé, em Santa Maria, onde a caminhografia urbana é apresentada como método cartográfico capaz de acessar essas expressividades e organizá-las em um repertório de saberes invisíveis do território. Nos apontamentos finais, refletimos sobre como essa abordagem, ao levar Benjamin para passear em uma cidade média do Rio Grande do Sul, no interior do Sul Global, pode oferecer pistas para um novo porvir da educação, ancorado nos saberes locais territorializados na cidade.

BENJAMIN: O CAMINHÓGRAFO ANTECIPADO

Nesta seção, propomos identificar em Walter Benjamin pistas e atitudes que podem inspirar o cartógrafo contemporâneo, no percurso de suas cartografias pelos espaços das cidades. Pensar Benjamin como um “caminhógrafo antecipado” é reconhecer a relevância de seu olhar errante, mas agudo, sobre as cidades. Mais do que esteticamente belas, as cidades lhe apareciam como espaços porosos, intensos, vivos, ora plenos de promessas de um outro porvir, ora soterrados pelas ruínas do passado empurrado pelo progresso. Para ele, andar pela cidade é também um modo de pensar. Essa relação existencial com os espaços urbanos aparece em diários de viagem, fragmentos autobiográficos, ensaios filosóficos e textos críticos, compondo uma constelação de imagens-cidade (Seligmann-Silva, 2020). Essa forma de ver a cidade, que recolhe rastros e ruínas para montar constelações de sentido, inspira diretamente a caminhografia urbana, aqui adotada como meio de apreender essas expressividades do território.

Benjamin andou por diversas metrópoles europeias (Berlim, Paris, Marselha, Moscou, Nápoles), entre a paixão e a necessidade. O deslocamento era tanto uma forma de viver como uma estratégia de sobrevivência; afinal, viveu sob o escrutínio do nazismo e do crescente autoritarismo europeu. Essa mobilidade, ainda que forçada, constitui parte fundamental de sua construção filosófica. A mesma que, hoje, inspira abordagens potentes na sociologia urbana e outras formas de saber. Sua obra oferece à cartografia, sobretudo ao cartógrafo que adota o caminhar como procedimento, elementos para compreender a cidade como um campo simbólico intenso e a caminhografia urbana como método de leitura crítica.

Encontramos pistas, em especial, no trabalho *Passagens*, obra inacabada iniciada em 1926 e interrompida com sua morte em 1940, na fronteira da França com a Espanha. Nela, Benjamin (2019) busca realizar uma arqueologia da modernidade: uma escavação nas ruínas da Paris do século XIX, sob a ótica alegórica e fragmentária que o caracteriza. Nas palavras de Seligmann-Silva (2020), trata-se de uma tentativa de capturar o século

XX a partir das fissuras, dos restos e fragmentos soterrados em ruínas, organizados em uma constelação textual que nega a linearidade.

Neste trabalho, o *flâneur* aparece como figura central. Segundo Bolle (2022), o *flâneur* assume um papel semelhante ao da Melancolia, figura-chave em outra obra de Benjamin, *A origem do drama barroco alemão*. Ambas funcionam como abreviações alegóricas da época representada, condensando como um prisma as tensões sociais, os regimes afetivos e as expressões culturais em uma imagem-síntese. Na gravura de Dürer, a Melancolia segura instrumentos científicos e artísticos; já o *flâneur*, à sua maneira, carrega os objetos do cartógrafo atento: caderno, lápis, olhos. Ambos observam, registram e transformam o ordinário em signo (Bolle, 2022).

Esse gesto meditativo (atento, mas sonhador) expressa a presença errante do *flâneur* na cidade e serve como analogia potente para o cartógrafo. O *flâneur* benjaminiano é, como o cartógrafo que caminha, uma figura liminar, no trânsito entre mundos: entre o escritório e a rua, entre o devaneio e a crítica, entre a observação e o envolvimento (Bolle, 2022). Ele se move com liberdade, mas também com densidade; observa, mas não se contenta com a aparência superficial.

Bolle (2022, p. 427) nota que Benjamin contrapõe a “mobilidade extraordinária” do *flâneur* à inércia da figura melancólica. O *flâneur* é, nesse jogo, o que se lança ao mundo para experimentá-lo, mesmo que pelo véu da fantasia – uma aproximação onírica, mas reveladora. Em sua errância, é movido pelo fascínio e pela recusa: o fascínio da cidade moderna e a recusa das promessas ardilosas do progresso. Esse movimento o aproxima do cartógrafo, que também busca, pelos fragmentos da cidade em ruínas, uma leitura que resista à homogeneização do espaço urbano.

Entretanto, Benjamin nunca se reivindicou como *flâneur*. Pelo contrário, cuidou de enfatizar o caráter analítico (e não meramente contemplativo) de seu método. Sua errância era crítica, não estética (Bolle, 2022). Embora reconhecesse no *flâneur* um índice de sua época, não se confundia com ele. Isso é fundamental para que não idealizemos a figura. O *flâneur* – e isso Benjamin sabia bem – é um personagem de classe média que se desloca livremente sem se comprometer com os conflitos sociais que observa. Ele vê, mas não interfere. Aproxima-se, mas não se envolve. Essa distância estética foi ironizada pelo próprio Baudelaire (2020, p. 100), em *O spleen de Paris*, ao relatar a queda da auréola de um poeta que, ao não a resgatar, entrega-se à vulgaridade da cidade: “Minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do macadame. Não tive coragem de apanhá-la [...] posso, agora, passear incógnito, cometer ações reprováveis e abandonar-me à crapulagem como um simples mortal”.

Segundo Paese (2015), Baudelaire descreve, com a metáfora da “perda da auréola”, a decadência do *flâneur*, quando a classe alta se refugia na plebe para ser simples mortal, aproximando-se dos trapeiros, dos catadores de trapo da época. Essa figura

relacionada à miséria ainda é uma realidade, “[...] os personagens que vagam pelas ruas das metrópoles de hoje, mapeando seu território buscando o encontro possível com formas de sustento e abrigo, são os herdeiros desses primeiros miseráveis” (Paese, 2015, p. 47).

Nesse contexto, o *flâneur*, como alegoria, tem limites claros. Com o avanço da racionalidade capitalista e a consolidação da lógica produtivista, ele se torna figura anacrônica, engolida pela cidade em aceleração. A experiência que encarna (feita de deriva, pausa e contemplação) parece, hoje, cada vez mais impraticável. Ainda assim, no labirinto das *Passagens*, ele permanece no centro: é o “meio do meio” (Bolle, 2022, p. 426), figura-título do caderno M e ponto de confluência das demais entradas. Sua presença permite acionar uma série de imagens e temas fundamentais para pensar o urbano com postura crítica.

É nesse domínio que caminhar com Benjamin nos interessa: como *flâneur* e como cartógrafo sensível e atento, que soube extrair, da errância e da fragmentação, um método de análise histórica, estética e política. Ao cartógrafo contemporâneo que caminha pela cidade em busca dos “currículos (in)visíveis” como expressão do manancial de saberes urbanos territorializados, o gesto de Benjamin oferece pistas metodológicas e epistemológicas valiosas. Na prática, é essa atitude que a caminhografia busca atualizar: seguir, com o corpo, as pistas deixadas pelos sujeitos e práticas informais para construir uma leitura crítica do território.

Caminhar, nesse sentido, pode ser também montar: reunir ruínas, escavar resíduos, traçar percursos entre o que foi esquecido e o que ainda pulsa, observar com sensibilidade a experiência menor dos “corpos invisíveis”. Assim, a caminhografia opera como o passo inicial de um processo maior que é revelar as expressividades urbanas que podem subsidiar currículos invisíveis da cidade, montados com saberes territorializados no espaço urbano.

O *flâneur*, portanto, é um excelente ponto de partida – figura inaugural que abre as portas da cidade. Contudo, é com Benjamin que nos embrenhamos em seus labirintos, orientados pela sensibilidade que articula estética e crítica. É nesse movimento que a figura do *flâneur* se transforma em imagem dialética da modernidade, condensando personagens urbanos, cenários sócio-históricos e experiências do coletivo.

Atualizar esse gesto, como propomos neste artigo, significa traduzi-lo em caminhografia, ou seja, um método que, ao tornar visíveis essas experiências do coletivo, oferece base concreta para pensar currículos que emergem, sobretudo, dos próprios territórios. É, portanto, no gesto benjaminiano – atualizado pela caminhografia – que se torna possível revelar saberes invisíveis que, organizados em currículos de saberes locais, podem fundamentar práticas educativas ancoradas na própria cidade.

Esse deslocamento teórico-metodológico também é, por natureza, interdisciplinar. Entrecruzam-se nele múltiplos aspectos da filosofia, literatura, geografia, educação e outras na leitura da cidade, evidenciando como a complexidade urbana exige a solução de fronteiras disciplinares para a compreensão do fenômeno em diálogo com a educação.

O TABLEAU SOCIAL DO FLÂNEUR EM BENJAMIN

Na seção anterior, exploramos a potência do gesto benjaminiano como modelo de ação ao cartógrafo em campo. Aqui avançamos na análise da figura do *flâneur* como alegoria de um tempo histórico, propondo uma leitura expandida para o *tableau* social contemporâneo. A cidade moderna, sobretudo Paris no século XIX, é o pano de fundo no qual essa figura se configura como um condensado simbólico de personagens e contradições.

O termo *flâneur* surgiu, possivelmente, no século XVI, derivado do escandinavo *flana*, que indica alguém que vagueia (Elkin, 2022). Mais do que vaguear, porém, “o *flâneur* entende a cidade como poucos, pois memorizou-a com os pés” (Elkin, 2022, p. 9). Contudo, é na segunda metade do século XIX que ele ganha densidade, ao ser apropriado por Baudelaire como símbolo do poeta moderno, e, posteriormente, por Benjamin como chave crítica da experiência urbana.

Garcia (2010) identifica cinco aspectos do pensamento benjaminiano que ajudam a compreender a relevância do *flâneur* como alegoria. O primeiro é sua crítica à razão instrumental, que encobre desigualdades sob a máscara do progresso. O segundo é seu método fragmentário-microscópico, que encontra em cada detalhe uma imagem condensada da totalidade. Assim, o *flâneur* é, também, uma mônada, pois, ao observá-lo, revela-se um mundo.

O terceiro aspecto é a crítica à modernidade: Benjamin insiste que o progresso contém perdas e silêncios. Nesse sentido, o *flâneur* aparece como figura de resistência, não porque se oponha frontalmente ao sistema, mas porque se move fora de seus ritmos. Ao seu lado, poderíamos situar o “homem lento”, de Milton Santos (1994, p. 41), imagem alegórica que também recusa a aceleração compulsória da vida urbana. Ambas encarnam formas de presença que desafiam a lógica da velocidade, revelando, com o corpo e o tempo, outras possibilidades de existência e de leitura da cidade.

Como afirma Santos (1994, p. 41),

[...] a força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade [...]. Quem, na cidade, tem mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrinhá-la – acaba por ver pouco da Cidade e do Mundo. [...] Os homens “lentos”, por seu

turno, para quem essas imagens são miragens, [...] acabam descobrindo as fabulações.

Nesse contraste entre a lentidão dos corpos e a vertigem do progresso, emerge uma forma de ver e de habitar que resiste ao imaginário técnico-produtivo e aponta outras maneiras de experimentar o urbano. Nessa chave, essas figuras alegóricas apontam caminhos para o cartógrafo contemporâneo: não apenas porque se “movem” com atenção ao mundo, mas também porque fazem do gesto “lento” cotidiano um ato político, mesmo que sem saber.

O quarto aspecto que Garcia (2010) aponta é a sua concepção de história, que Jacques (2020, p. 30) aprofunda como a montagem de uma história que deve ser escovada “a contrapelo”, como propunha o próprio Benjamin, para resgatar a memória dos vencidos, escavada nas ruínas do presente. O quinto é a crítica à reproduzibilidade técnica e à perda da aura: a experiência urbana torna-se superficial, estetizada, anestesiante. As cidades são espetacularizadas, e os corpos, despotencializados (Jacques, 2012).

Nesse contexto, a figura do *flâneur* ganha potência como instrumento crítico. Ele é, para Benjamin, uma imagem dialética: revela e esconde, aproxima e distorce. A modernização de Paris sob Haussmann é seu palco privilegiado. Com o objetivo de higienizar, controlar e embelezar a cidade, o barão destruiu bairros inteiros, removeu populações e transformou o tecido urbano em vitrine (Ponge; Machado, 2014). Sob a fachada da circulação, instalou-se a vigilância; sob a promessa de beleza, o apagamento das diferenças (Freitag, 2012).

Como espaço simbólico, as passagens concentram a ambiguidade do moderno: entre o abrigo e a vitrine, entre o refúgio e o espetáculo. Cortázar (2013) consegue apropriar-se dessa ambivalência de forma magistral no conto “O outro céu”, quando transforma a Pasaje Güemes de Buenos Aires em uma dobra do tempo, transportando o protagonista à Paris do século XIX. Nesse jogo de espelhos, a passagem torna-se um limiar entre mundos – uma experiência que evoca a atmosfera onírica e dissonante das passagens benjaminianas.

Para Benjamin (2019), essas paisagens fantasmagóricas são sintoma do capitalismo. O *flâneur*, porém, não se deixa seduzir facilmente e vaga sem destino, recusa o consumo, atrasa o passo para não correr. Ele observa, escolhe, desacelera (e, ao fazer isso, revela). Como alegoria, ele condensa as forças em disputa no espaço urbano: o capital, o desejo, a resistência, o tédio.

Essa capacidade de reunir em si tensões faz do *flâneur* uma figura-tipo-modelo para ler o ambiente urbano. Ele organiza fragmentos, como um núcleo alegórico da vida cotidiana (Bolle, 2022). Não é por acaso que Benjamin o situa no centro das *Passagens*: é ele quem permite ver o invisível, escavar o comum, iluminar o fragmento.

Nesse sentido, sua atitude inspira o cartógrafo da cidade contemporânea, que, ao caminhar, busca captar expressividades urbanas nos corpos, trajetos e gestos que revelam a cidade em sua dimensão mais simbólica e contraditória.

Com isso, abrimos caminho para refletir sobre como a figura do *flâneur*, como alegoria crítica da modernidade, pode operar como lente analítica para identificar expressividades urbanas em contextos contemporâneos. Em cidades como Santa Maria, onde a exclusão social, a precariedade da moradia e a violência atravessam o cotidiano de maneira silente, emergem outros personagens urbanos, como a *flâneuse*, que caminha empoderada, mas ainda exposta à vigilância e à ameaça (Elkin, 2022); ou as pessoas em situação de rua, cuja presença tensiona o espaço urbano e desafia os modos instituídos de convivência.

Essas figuras-tipo condensam, em seus modos de circular e ocupar o espaço, sentidos políticos, estéticos e existenciais que pedem ser lidos com atenção, pois são expressões territorializadas de uma cidade viva, mas bastante ferida. São, sobretudo, pistas valiosas para construir uma outra narrativa da cidade sob a ótica da educação, pois condensam saberes que a caminhografia é capaz de captar e sistematizar. A observação dessas figuras é, sobremaneira, uma prática cartográfica. Aqui, a caminhografia atualiza essa prática ao seguir esses corpos e registrar suas expressividades, recolhendo os elementos que podem ser organizados em currículos invisíveis do território. É esse movimento, do corpo que observa e registra ao currículo que se constrói com os fragmentos da cidade, que conecta diretamente a crítica urbana benjaminiana à possibilidade de um novo porvir educativo, atento às pedagogias silenciosas em potência que brotam dos territórios.

ANDANÇAS (DES)EDUCATIVAS E A CAMINHOGRAFIA TERRITORIALIZADA NO PARQUE ITAIMBÉ

Se, nos itens anteriores, defendemos que a sensibilidade benjaminiana e o caminhar podem fundamentar um modo de ler a cidade com o corpo, é no Parque Itaimbé que essa perspectiva se concretiza pela caminhografia. Aqui, o método não apenas registra percursos, mas também produz saberes que, organizados como currículos invisíveis, apontam para a possibilidade de uma educação ancorada na própria cidade. Essa leitura do território é, necessariamente, interdisciplinar. Compreender o Parque Itaimbé como laboratório urbano em seu potencial educativo demanda integrar aportes do urbanismo e da geografia (morfologias e usos do espaço), da educação (currículos e práticas socioeducativas), da sociologia urbana (dinâmicas de desigualdade, visibilidade, segregação) e das artes/estética (fabulações, narrativas e imagens-cidade). Não se trata de justapor áreas, mas de integrá-las para dar conta da complexidade do fenômeno urbano em seu potencial educativo, mobilizado pela cartografia.

Nesse sentido, a caminhografia urbana, compreendida como um procedimento cartográfico sensível³, articula corpo e território para produzir narrativas outras sobre a cidade. Mais do que registro de percursos, a caminhografia constitui um ato de transcrição urbana, no qual o caminhante, ao deslocar-se, observar e interagir, recria os sentidos do lugar percorrido, compondo imagens e fabulações que reorganizam e reorientam as lógicas tradicionais de representação do espaço urbano (Rocha; Santos, 2023). Trata-se, portanto, de um método que opera simultaneamente no plano epistemológico e estético-político. Ao cartografar práticas informais/invisíveis e tensioná-las com os discursos oficiais, a caminhografia reconfigura o modo como a cidade é lida, experienciada e, sobretudo, narrada.

Para compreendermos como essas tensões também se inscrevem nos corpos, recorremos a uma metáfora estética que dialoga diretamente com essa sensibilidade benjaminiana. A escultura *L'homme qui marche*, do artista suíço Alberto Giacometti, oferece uma imagem potente para pensar o andar como gesto existencial e crítico: um corpo atravessado pelas marcas do tempo e do progresso, que, assim como os personagens urbanos do Parque Itaimbé, carrega em seus movimentos as ruínas e resistências da vida contemporânea.

Figura 1: Escultura *L'homme qui marche*, de Alberto Giacometti (1961)



Fonte: Disponível em: <https://historia-arte.com/obras/el-hombre-que-camina>. Acesso em: 23 jul. 2025.

³ Aqui, a caminhografia urbana é assumida como um método de pesquisa que também se configura como atitude estética e política diante do contexto urbano – um gesto que, ao caminhar, interfere simbolicamente no território e propõe novas partilhas do sensível.

A escultura representa o homem atravessado pelos efeitos do progresso e do capitalismo. Giacometti desfigura a imagem humana, dispensando qualquer representação realista, e revela, em vez disso, a angústia e o medo intrínsecos à existência contemporânea. A irracionalidade manifesta-se no corpo representado, expressando miséria, solidão e desamparo. Na leitura de Sartre (2012, p. 13), a obra é metáfora da realidade existencialista:

Eis o modelo: o homem. Nem ditador, nem general, nem atleta [...] da árvore posso isolar um ramo que balança; do homem jamais um braço que se ergue, um punho que se fecha. O homem é a unidade indissolúvel e a fonte absoluta de seus movimentos. Ademais, é um encantador de signos.

Nessa indissociabilidade entre corpo e movimento, também se encontram o homem e a cidade. Cada vez mais urbanas, nossas cidades – e, por consequência, nossas subjetividades – moldam-se segundo os ritmos e a lógica do que é essencialmente urbano. A escultura de Giacometti serve, assim, como alegoria de uma realidade adoecida. Não apenas o homem contemporâneo, mas também toda a humanidade é simbolizada por essa figura atemporal e universal, esguia, de pés cravados no chão como quem tenta, em vão, romper sua própria condição. Uma figura deturpada, de braços longos e finos, caminhando em direção ao horizonte com um olhar ensimesmado. O rosto indefinido comunica sua generalidade; a superfície áspera, marcada, revela sua vulnerabilidade.

Como propõe Benjamin (2019), refletir sobre a cidade exige mais do que observação: reclama imagem e expressão. Ao voltar de sua viagem a Moscou, em 1927, ele escreve a Martin Buber sobre sua intenção de “dar uma imagem da cidade” (Benjamin, 1994, p. 143 *apud* Velloso, 2023, p. 79), indicando que a narrativa da experiência urbana requer formas de expressão capazes de captar sua densidade crítica. A cidade é meio e objeto: lugar onde a experiência se realiza, mas também onde se pode pensar e transformar a vida contemporânea (Velloso, 2023). O *flâneur* – errante do século XIX – ainda sobrevive, deslocado, no século XXI, agora como andarilho em descompasso com os ritmos da aceleração. E em sua silhueta caminha, lado a lado, o homem que anda de Giacometti.

A imagem esguia e indefinida do homem que marcha, como delineada por Giacometti e interpretada por Sartre, não se limita ao campo da arte. Essa figura é também metáfora das práticas espaciais cotidianas e, portanto, pode ser territorializada nos lugares da cidade. Em Santa Maria, é no Parque Itaimbé – onde *flâneurs* e *flâneuses* atravessam a malha urbana tecendo seus próprios mapas sensíveis – que essa

metáfora encontra corpo e chão. O homem que caminha, de Giacometti, reaparece como figura-tipo que habita o presente urbano, atravessado por tensões socioculturais e históricas, desigualdades territoriais e práticas orgânicas de (re)invenção do espaço.

Caminhar pelo parque é dar continuidade a essa marcha existencial, agora traduzida em termos de saberes urbanos e potencialmente educativos. Assim como o corpo da escultura carrega as marcas da angústia e do tempo, o corpo-cidade do Itaimbé revela ruínas, apagamentos, resistências e transformações. Se Giacometti esculpe a solidão humana na matéria, a cidade a reconfigura em trajetórias. A errância do andarilho urbano, a deriva da *flâneuse* e a presença dos corpos dissidentes são hoje a escultura viva de um território em disputa.

Por isso, pensar o Parque Itaimbé é reconhecer que há ali mais do que um espaço de lazer. Há, também, um campo sensível de produção simbólica, um manancial onde se faz cartografia pelo caminhar. A cidade, como diz Benjamin, só pode ser compreendida por aqueles que a experimentam com o corpo: olhos, mãos e pés. É nesse atravessamento que Giacometti encontra o chão da cidade e que a imagem do homem que marcha se transforma em método pela caminhografia urbana, pois o cartógrafo que anda é também ele atravessado pelo território.

O Parque Itaimbé é o único parque municipal central da cidade de Santa Maria e tem sua origem na obra de canalização do Arroio Itaimbé. A área foi denominada com base no mito de criação da cidade, da lenda de Imembuí, com seu primeiro registro no conto de Cezimbra Jacques (1912) pertencente ao livro ficcional *Assuntos do Rio Grande do Sul*, porém foi a partir do livro de João Belém (1933), *História do município de Santa Maria – 1797-1933*, que se tornou referência como a lenda de origem e até os dias de hoje é difundida nos meios oficiais (Fonseca, 2021).

No decorrer da evolução urbana, o arroio deixou de figurar como área de borda para configurar-se como local central que servia de depósito de lixo e era descrito, por muitos, como abandonado pelo poder público. Planos de requalificação urbana – como o de Saturnino de Brito (1918), o Plano Diretor de 1951 e posteriormente o Cura I com o Projeto Sinuelo – visaram transformar a área em avenida canal ou parque linear, mas sempre tensionados por interesses do setor imobiliário (Benaduce, 2007).

Atualmente, o Parque Itaimbé integra o Distrito Criativo Centro-Gare, território que articula cultura, lazer e economia criativa. É nesse espaço que circulam o *flâneur*, a *flâneuse*, o andarilho e o morador de rua. Caminhar pelo parque é uma forma de ativar esses personagens urbanos como operadores críticos do espaço. No caso da *flâneuse*, sua errância é atravessada por experiências específicas de gênero, ou seja, de maneira distinta do *flâneur* que, historicamente, se beneficiou do anonimato na multidão (Kern, 2021), a mulher que flana enfrenta inseguranças que a obrigam a refazer trajetos, horários e usos da cidade (Muxí, 2014).

Dentro desse contexto, precisamos concordar com Elkin (2022, p. 335) que o espaço não é neutro, ele faz parte de uma questão maior, da cidade feminista, e que a *flâneuse* deve intervir na ordem preestabelecida desse espaço em prol da igualdade, deve “[...] perturbar a paz, de observar (ou não observar), de ocupar (ou não ocupar) e de organizar (ou desorganizar) o espaço conforme nossos termos”. Essa presença, simultaneamente visível (como corpo vulnerável) e invisível (como sujeito coletivo), produz uma leitura crítica singular do território (Paese, 2015).

A intenção de transportar o *flâneur*, que “sempre foi imaginado como um homem, para não mencionar aquele que seja branco e saudável” (Kern, 2021, p. 42), símbolo da modernidade, ao mundo contemporâneo, territorializado em uma cidade sul-americana, no Sul Global, é reacender sua potência cidadina e expandi-la para outras figuras-tipo. Ao atualizá-lo no homem que marcha de Giacometti e na errância feminista da *flâneuse*, abrimos uma via para pensar as práticas de espaço cereteunianas como formas de resistência, narrativas e aprendizagens (Certeau, 2014). Nossa investigação caminhográfica revela que, pelas lentes dessas figuras, é possível transcriar⁴ a cidade (construir imagens alternativas, plurais e desobedientes daquilo que é urbano). Nas filosofias da diferença abrimos espaço para a transformação da experiência urbana que se concretiza na ação desses sujeitos aterrados no território. Nesse sentido, Muxí (2014, p. 198) argumenta que repensar a cidade a partir da experiência feminina implica questionar as hierarquias invisíveis que historicamente “situam os espaços atribuídos a cada gênero: a rua para os homens; a rua e o interior controlados para as mulheres”. Por isso, a *flâneuse*, ao insistir em sua presença, desestabiliza essa ordem preestabelecida, perturbando as lógicas já organizadas do espaço urbano (Kern, 2021; Elkin, 2022).

Com efeito, Wilson (2020, p. 16) afirma que “uma cidade tem de ser experienciada por meio dos sentidos – é preciso olhá-la, sentir seu cheiro, tocá-la, caminhar por ela, lê-la e imaginá-la – para apreender sua totalidade”. Nesse sentido, ao caminhar pelo Parque Itaimbé, consignamos nossos sentidos à experiência de transcrição. É nesse caminhar que se revelam urbanidades invisíveis (práticas, presenças, símbolos e signos) que só emergem ao olhar contemplativo, mas sensível, da *flânerie*.

O território, como aponta Santos (2020), é o que se faz dele. As práticas informais e dissidentes do espaço urbano narram seu próprio texto, e essa narrativa não se reduz ao planejamento técnico, ela é viva, situada, múltipla e territorializada. É na *flânerie* que a cartografia explora as tensões e contradições da vida nas cidades. A presença da

4 “A transcrição é uma ideia utilizada por Corazza (2015) para se referir a uma concepção mais criativa e interpretativa da ideia de tradução, não apenas reescrevendo um conteúdo específico em outro idioma, mas recriando a própria língua para expressar esse conteúdo e suas nuances” (Cougo, 2025, p. 60). Fiol (2023, p. 75) ainda explica que “a transcrição é uma forma de tradução que valoriza a originalidade e criatividade do tradutor, almejando criar uma nova obra que preserve o espírito do original”.

flâneuse, do andarilho, do morador de rua e dos corpos que resistem desloca a noção de estética e reconfigura os critérios de pertencimento e cidadania.

A cartografia resultante das caminhadas pelo parque revelou que os usos previstos nos planos formais muitas vezes nada têm a ver com o uso real do espaço. A experiência indicou a existência de seis “portais pedagógicos”, heterotopias nas quais o território se reinventa. De dia, o parque abriga o lazer, o esporte, a contemplação; à noite, transforma-se em espaço de práticas sexuais, abrigo para pessoas em situação de rua e outros corpos dissidentes. Essa transfiguração revela dinâmicas de poder e resistência que escapam ao olhar normativo.

O Parque Itaimbé, nesse sentido, é um laboratório do urbano. Um manancial de potencialidades na iminência de se concretizar. Em seu espaço, expressam-se questões de gênero, classe, raça, visibilidade, segurança e pertencimento. É preciso mobilizar essas figuras, sobretudo as que foram historicamente invisibilizadas, para uma nova partilha do sensível. É na experiência desses sujeitos e em suas práticas de espaço que reside a potencialidade pedagógica da cidade. A experiência da *flâneuse*, por exemplo, evidencia muitas dessas questões, pois sua circulação no parque, marcada por estratégias de autoproteção e por percursos condicionados à vigilância e iluminação, revela como gênero, classe e raça definem as possibilidades de flunar (Kern, 2021). Para Paese (2015), esse caminhar tensiona os limites da invisibilidade, aproximando-se da experiência dos corpos marginalizados, como as pessoas em situação de rua, que também habitam o espaço entre a visibilidade incômoda e a invisibilidade social.

Assim, os personagens urbanos que emergem nas caminhografias do Parque Itaimbé (o andarilho, a *flâneuse*, as pessoas em situação de rua) condensam saberes que escapam às gramáticas tradicionais da cidade. Por meio deles, reconhecemos que a sensibilidade proposta por Benjamin pode orientar práticas de leitura crítica do espaço urbano e que tais personagens, em sua expressividade territorializada, são operadores potentes de uma cartografia urbana e afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levar Benjamin para passear ou pensar a caminhografia-cartografia com o aporte do filósofo, neste artigo, significa menos um exercício de homenagem e mais um gesto de atualização crítica. Mobilizamos, em sua sensibilidade errante e seu método fragmentário, operadores teórico-críticos para ler a expressividade urbana da cidade em suas camadas outras. No Parque Itaimbé, essa perspectiva é particularmente fecunda, pois, ao seguir os rastros dos corpos dissidentes de andarilhos, *flâneuses* e pessoas em situação de rua, é possível construir constelações de sentidos que escancaram tensões e desigualdades silenciadas pelos discursos tradicionais sobre o planejamento urbano. Atualizar Benjamin no contexto do Sul Global é, portanto, deslocá-lo da Paris

moderna do século XIX para territórios marcados por contradições urbanas e sociais singulares desses tempos e espaços, onde as ruínas e os fragmentos falam de outras histórias e de outros vencidos.

Dessa forma, as caminhografias realizadas no Parque Itaimbé permitem, então, sistematizar três aspectos centrais: 1. a cidade lida a partir da expressividade urbana das figuras-tipo: as tensões, desigualdades e resistências que atravessam o parque revelam um território que fala por si, onde práticas cotidianas informais, presenças dissidentes e trajetórias anônimas constituem um manancial de saberes invisíveis, configurando um “currículo (in)visível” do território que desafia as narrativas oficiais sobre a cidade; 2. a caminhografia urbana como método cartográfico dos currículos em potência: ao articular corpo e território, o ato de caminhar é capaz de acessar camadas profundas e invisíveis do espaço urbano, desvelando expressividades que subsidiam a leitura dos “currículos invisíveis” do parque, que servem de manancial para sua possível ativação pedagógica; 3. a atualização do *flâneur* como operador teórico-crítico: figuras, como o andarilho, a *flâneuse* e as pessoas em situação de rua, observadas sob os aportes da sensibilidade benjaminiana, funcionam como operadores interpretativos para revelar diferentes camadas de sentido, ou seja, assim como o *flâneur* benjaminiano montava constelações a partir dos fragmentos da cidade moderna, aqui caminhar torna-se um ato de construção política e epistemológica, capaz de mobilizar ruínas e rastros urbanos em narrativas críticas sobre a cidade contemporânea e seus mananciais de signos para uma educação emancipatória.

É nesse deslocamento que reside a principal contribuição deste trabalho: afirmar que caminhar, à maneira benjaminiana, é um ato de construção política e epistemológica capaz de desvelar currículos invisíveis da cidade e, com isso, oferecer pistas para um novo porvir educativo, um porvir atento à diferença, à alteridade e às pedagogias silenciosas, sempre em potência, que emergem dos (des)caminhos cotidianos de um parque no interior do Brasil. Assim, a caminhografia urbana evidencia-se também como uma prática de pesquisa interdisciplinar, orientada pela complexidade dos fenômenos educativos e urbanos.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, C. *O spleen de Paris*: pequenos poemas em prosa. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BENADUCE, M. I. de V. *Parque Itaimbé – Santa Maria/RS*: gênese de um espaço público/privado. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2019. (v. 3).

- BOLLE, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 2022.
- CARLOS, A. F. A. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direito à cidade”. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 349-369, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/3cBsV3Vx7Yvw9SqvcqyVrbc/?format=pdf>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- CERTEAU, M. de. *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CORTÁZAR, J. *A autoestrada do sul & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- COUGO, G. G. *Urbanidades invisíveis: o Parque Itaimbé como território educativo em potência*. 2025. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2025.
- ELKIN, L. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- FERRARI, J.; MOURA, N. S. V. Síntese histórica do surgimento e ocupação do centro a oeste de Santa Maria, RS: a cidade, seus agentes dinamizadores e sua evolução. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 33, p. 56-84, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224825/001103510.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- FIOL, P. P. del. *Entre galerias e a rua: caminhografia urbana em Pelotas/RS*. 2023. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.
- FONSECA, O. A lenda da lenda de Imembuí. *Sina – Comunicação fora do Padrão*, 17 maio 2021. Disponível em: <https://redesina.com.br/a-lenda-da-lenda-de-imembui-por-orlando-fonseca/>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- FREITAG, B. *Teorias da cidade*. Campinas: Papirus, 2012.
- GARCIA, J. Comentando o *flâneur*, de Walter Benjamin. *Educação Pública*, 2010. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/7/comentando-o-flacircneur-de-walter-benjamin>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- JACQUES, P. B. *Elogio aos errantes*. Salvador: Edufba, 2012.
- JACQUES, P. B. *Fantasmas modernos: montagem de uma outra herança*. Salvador: Edufba, 2020. v. 1.
- KERN, L. *A cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- MUXÍ, Z. A cidade próxima: o urbanismo sem gênero. In: MONTANER, J. M. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014. p. 197-210.
- PAESE, C. *Caminhando: o caminhar como prática sociestética – estudos sobre a arquitetura móvel*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015.

- PONGE, R.; MACHADO, N. H. N. As transformações urbanísticas de Paris no século XIX: análise e reflexões. *Revista XIX*, n. 1, p. 68-89, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21292>. Acesso em: 22 jun. 2025.
- ROCHA, E.; SANTOS, T. B. dos. Como é a caminhografia urbana? Registrar, jogar e criar na cidade. *Arquitextos*, São Paulo, 281, ano 24, out. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/24.281/8923>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2020.
- SARTRE, J.-P. *Alberto Giacometti: textos de Jean-Paul Sartre*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, M. “Viver numa casa de vidro é uma virtude revolucionária por excelência”: Walter Benjamin e a paixão pela cidade e pela história “porosas”. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 23, n. 40, p. 20-42, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pg/article/view/167388>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- VELLOSO, R. Empiria delicada. In: JACQUES, P. B.; VELLOSO, R. *Enigma das cidades: ensaio de epistemologia urbana em Walter Benjamin*. Salvador: Edufba, 2023. p. 78-97.
- WILSON, B. *Metrópole: a história das cidades, a maior invenção humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Recebido em: 04.09.2025

Aprovado em: 03.02.2026